

NAVEGANDO ENTRE SABERES DIFERENTES: MÚLTIPLOS LETRAMENTOS E DESIGUALDADES SOCIOEDUCACIONAIS NA AMAZÔNIA

Denilson Oliveira/Universidade Federal do Pará, Altamira/Brasil
denilsonsanatana489@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta o andamento do Projeto Navega Saberes – Múltiplos letramentos via softwares de edição de texto. A experiência tem demonstrado a relevância desse espaço de aprendizagem de leitura-escrita de forma colaborativa e integrada à informática básica como ação de enfrentamento a desigualdades socioeducacionais otimizando o desempenho dos participantes em língua escrita, com o uso de dispositivos de informática (word básico/libre office).

Palavras-chave: Múltiplos letramentos; Educação em linguagem; Escrita acadêmica.

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho é um relato de experiências vivenciadas no âmbito do Projeto Navega Saberes – Múltiplos letramentos via softwares de edição de texto: práticas de leitura-escrita como dispositivos de inclusão social e de combate ao analfabetismo funcional-digital, realizado no Campus de Altamira.

Esta iniciativa tem como foco principal a criação de espaços de aprendizagem e exercício de leitura-escrita no gênero acadêmico-científico de forma colaborativa e integrada à informática básica. Neste sentido, o Projeto em tela é uma ação de enfrentamento a desigualdades socioeducacionais por meio de apoio pedagógico na área da linguagem (escrita e informática) a estudantes da educação básica e da educação superior visando a sua inserção mais equitativa na vida acadêmica, por meio de apoio pedagógico na área de linguagem.

OBJETIVO

O presente trabalho tem como objetivo analisar e promover o desenvolvimento de práticas de leitura e escrita no contexto acadêmico-científico, articuladas ao uso de softwares de edição de texto, com vistas ao enfrentamento do analfabetismo funcional e digital. Busca-se, nesse sentido, contribuir para a inclusão social e acadêmica de estudantes da educação básica e do ensino superior, por meio de estratégias pedagógicas que integrem linguagem e



tecnologias digitais, favorecendo a autonomia, a autoria e o domínio das práticas de letramento em diferentes contextos sociocomunicativos.

METODOLOGIA

Para dar conta de seus objetivos, o Projeto Navega Saberes propõe “Oficinas de Escrita’ que acontece m no Laboratório de Informática do Campus Universitário de Altamira em dois encontros semanais de 90 (noventa) minutos cada um. Trata-se de espaços-tempos de trocas, reflexões e práticas de leitura e escrita visando otimizar o desempenho dos participantes em língua escrita, com o uso de dispositivos de informática (word básico/libre office).

Os encontros são presenciais, com atividades que visam a levar os participantes a vivenciar os pressupostos trabalhados na perspectiva dos estudos sobre escrita acadêmica, despertando interesse pela produção escrita como conjunto de práticas heterogêneas de indagação e registro, numa perspectiva plural, de modo que eles percebam que escrever de forma autoral e autônoma, além de necessário, é possível, mesmo em contextos pouco favoráveis.

Esse conjunto de exercícios está ancorado numa permanente problematização das definições correntes de ‘texto acadêmico’ como produto, familiarizando o estudante com os processos de escrita e levando-o a conhecer diferentes gêneros e modalidades textuais existentes no universo acadêmico-científico. Por essa razão, para além de simplesmente identificar e reconhecer os principais gêneros textuais que circulam no ambiente universitário, trabalha-se também os critérios de normatização vigentes para elaboração e apresentação desses textos, desenvolvendo habilidades de recepção e de produção a partir das necessidades concretas apresentadas por diferentes situações sociodiscursivas.

RESULTADOS

O analfabetismo funcional no Brasil tem decrescido a uma velocidade extremamente baixa. Conforme o INAF, entre 2000 e 2018 a taxa de analfabetos funcionais caiu de 40% para 30% (INAF, 2018), desconsideram-se nesse caso, aqueles indivíduos que estão no limiar entre analfabetismo funcional e proficiência, os chamados alfabetizados em nível rudimentar, elementar e intermediário.

Quando consideradas as pessoas que possuem diploma de ensino médio esses números parecem ser igualmente alarmantes. Conforme o INAF (2018), 12% deles são analfabetos funcionais e 42% são considerados alfabetizados em escala rudimentar. Em consequência disso, mais da metade dos estudantes (64%) deixam o ensino médio sem se tornarem

proficientes em leitura e escrita. Aqueles que conseguem ingressar na universidade levam consigo essas mesmas limitações, de modo que 38% dos universitários brasileiros não dominam completamente habilidades necessárias à leitura e escrita em sua língua materna (SOUZA, 2022).

Esse quadro se agrava quando essas inabilidades se projetam no contexto dos ambientes digitais, como plataformas, redes sociais, websites, softwares, aplicativos e outros ambientes proporcionados pelas tecnologias da informação (TICs). Confrontados com eventos comunicativos online que exigem análise, criticidade e cotejo de dados, usuários reproduzem os efeitos de seu analfabetismo funcional em forma de analfabetismo digital. Isto é, manifestam as consequências da incapacidade de “compreender e utilizar a informação escrita e refletir sobre ela” (INAF, 2018).

Ranking divulgado pelo jornal EM (2019) aponta que em um grupo de 100 países, o Brasil ocupa a 66ª posição em níveis de letramento digital. Por conseguinte, o país latino-americano é também classificado como o 4º país onde as pessoas mais acreditam em notícias falsas (EM, 2019). Nesse sentido, as dificuldades de analfabetos funcionais em desempenhar tarefas cognitivas mais complexas, que envolvem “a integração de informações textuais e dessas com os conhecimentos e as visões de mundo aportados pelo leitor” (INAF, 2018), acabam por torná-los extremamente vulneráveis perante objetos como *fake news* e outras instâncias de interação multimodal.

No caso do Campus de Altamira, as realidades acima descritas se repetem. A cada ano professores de diferentes subunidades identificam números gradativamente superiores de alunos que podem ser classificados ou como analfabetos funcionais e/ou digitais, ou como sujeitos providos apenas com habilidades rudimentares de leitura/escrita e uso de TICs. Além de apresentarem sérias dificuldades de compreender e interpretar textos mais complexos, esses aprendizes também manifestam dificuldades para utilizar programas de edição de textos, seja para formatação ou produção, seja para sua distribuição, recepção e tratamento.

CONCLUSÕES

Resultados preliminares deste Projeto (iniciado em setembro do ano em curso) indicam que estudantes de Altamira, tanto do ensino médio quanto do superior, refletem o quadro geral de proficiência em leitura e escrita descrito pelo INAF (2018) – quadro que requer um tipo específico de intervenção didática.

Diante dessa situação pervasiva e preocupante, que excede os limites departamentais, este projeto de extensão tem oportunizado aos alunos do ensino médio e aos ingressantes na

universidade práticas de letramento em língua portuguesa através de programas de edição de texto, tais quais o Office Word e LibreOffice, endereçando não apenas os problemas de leitura e escrita desses estudantes, mas também suas limitações no que se refere ao uso do computador para a elaboração de textos diversos, não somente os acadêmicos.

A partir de uma visão comunicativa/sociointeracionista da linguagem (Dudenev et al, 2016; Rojo, 2009; Goody & Watt, 2006), e considerando o crescente número de ingressantes na UFPA que poderiam ser classificados como analfabetos funcionais, este Projeto está fomentando práticas que visam a educar os estudantes para exercerem sua cidadania mediante o pleno domínio da leitura e da escrita via ferramentas digitais.

Palavras-chave: Letramento; Analfabetismo funcional; Letramento digital; Escrita acadêmica; Inclusão social; Tecnologias digitais.

REFERÊNCIAS

DUDENEY, G. et al. Letramentos digitais. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

EM. O Estado de Minas. Analfabetos digitais no Brasil. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/opiniao/2019/07/28/interna_opiniao,1072899/analfabetos-digitais-no-brasil.shtml. Acesso em 12 mai. 2022.

GOODY, J.; WATT, I. As consequências do letramento. São Paulo: Paulistana, 2006.

INAF, Indicador de Alfabetismo Funcional. Alfabetismo no Brasil. Inaf, 2018. Disponível em: <https://alfabetismofuncional.org.br/alfabetismo-no-brasil/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

ROJO, R. Letramentos múltiplos, escola e inclusão social. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

SOUZA, M. V. de. Educação: 38% dos universitários são analfabetos funcionais. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/opiniao/2022/03/31/interna_opiniao,1356716/educacao-38-dos-universitarios-sao-analfabetos-funcionais.shtml. Acesso em: 12 mai. 2022.